

EDUCAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS QUE PERMEIAM O IMAGINÁRIO DOS EDUCANDOS E EDUCADORES SOBRE A DIVERSIDADE

2019

Flávio Aparecido de Almeida

Graduado em Psicologia pela UNIFAMINAS.
Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais(UEMG).
Mestrando em Ciências das Religiões pela FUV (Brasil)

Email:

flavio.a.almeida@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa analisar e discutir as representações sociais que permeiam a diversidade encontrada pela escola no seu cotidiano, partindo da compreensão histórica, principal fomentadora das desigualdades sociais, e como consequência a disseminação do preconceito, com o intuito de manter a estrutura de poder vigente. A escola é o ambiente em que a diversidade se faz presente e é função dela possibilitar e fomentar a cultura da inclusão e luta pela justiça social.

Palavras-chave: Diversidade, cultura, educação.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



NOSSA IDENTIDADE É RESULTADO DA NOSSA FORMAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL

A nação brasileira é formada por pluralismo étnico-cultural, somos um povo que tem na sua formação raízes indígenas, europeias e africanas, um povo formado por diversas etnias, que nos passaram como herança seus costumes, seus sistemas de valores, estatutos sociais, gostos culinários e estilos de vida, as danças, as músicas, o folclore, enfim herdamos de cada povo presente na formação do povo sua cultura.

O povo brasileiro é o resultado multiétnico e multicultural, e por ter essa identidade baseada na diversidade acreditava-se num convívio harmonioso entre os brasileiros, que a democracia racial era um determinante em nossas relações sociais, porém essa não é uma verdade absoluta, vivemos em um país onde a intolerância, a discriminação e o preconceito permeia nossas relações.

No que diz respeito à cultura, percebemos que manifestações culturais praticadas por afrodescendentes são historicamente consideradas como cultura inferior, nas décadas de 1920 e 1930 o samba, ritmo brasileiro mais famoso no mundo já foi visto como coisa de “desocupados” e vários sambistas eram presos unicamente por portarem um instrumento de batuque, o movimento Hip Hop, que apesar de ter origem nos guetos nova-iorquinos, ganhou aqui no Brasil características próprias é visto por muitos como arte marginal com pouco significância cultural.

Em setembro de 2014, a estagiária Ester Elisa da Silva Cesário, que foi vítima do racismo da “boa aparência” na instituição onde trabalhava, segundo a moça, o diretor do colégio exigiu que ela alisasse seu cabelo crespo, alegando que sua aparência não condizia com aquela que a escola desejava. Setembro de 2014 a miss Ceará, Melissa Gurgel, sofreu preconceito linguístico nas redes sociais, por causa do seu sotaque nordestino. Em junho de 2016, a menina Kailane Campos foi agredida com pedradas pelo simples fato de estar vestida com as roupas típicas das religiões de raízes africanas. Em novembro de 2017 Tite, filha adotiva dos atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, foi verbalmente agredida numa rede social pelo simples fato de ser negra.

O PODER DE SEGREGAR DAS ESCOLAS

Esses são apenas alguns fatos que demonstram que o Brasil é um país intolerante e preconceituoso e que em vários setores da sociedade é reproduzido ações violentas tendo como fundamento a etnia e a cultura do indivíduo, inclusive na escola.

“Embora a escola seja, normalmente, o contexto por excelência da construção de uma sociedade menos ostracizante, é nela que se reproduzem frequentemente as discriminações e exclusões existentes no resto da sociedade, como aquelas que são constantemente sofridas pelas crianças e jovens de culturas minoritárias.” (Díaz-Aguado, 2003, p. 31)

Diante do cenário cultural e étnico plural, a escola exerce um papel relevante no combate de a expressões de intolerância, racismo, xenofobia, etnocentrismo, segregação, é necessário que a educação promova ações inclusivas, de respeito, solidariedade e compreensão, tornando as diferenças étnicas e culturais algo positivo.

A questão da diversidade vem provocando um intenso debate político-social nas escolas brasileiras, com o objetivo de realizar uma prática pedagógica que valorize a multiplicidade étnica e cultural da sociedade brasileira. E para ratificar essa valorização os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), traz como um dos temas Transversais a Pluralidade Cultural, e objetivam o exercício de um educação baseada nos princípios da igualdade e da justiça.

[...] respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas sim respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. (PCNs, 2001:20)

A escola é uma das primeiras instituições a nos dar a oportunidade de convivermos com a diversidade étnica e cultural presente na sociedade, nela podemos aprender a conviver e aprender com as diferenças, mas quando a escola é um ambiente hostil à diversidade, nela aprenderemos a discriminar, aprendemos ações intolerantes e preconceituosas.

Mudar mentalidades, superar o preconceito e atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem papel crucial a desempenhar. (Id ibem, 2001:23)

Há a necessidade de encarar a diversidade étnica e cultural com algo real, presente na sociedade e a prática pedagógica no que se trata do assunto deve mudar daquela que restringe a abordagem do tema em simples discussões folclóricas ou comemorações de datas cívicas, para uma prática aberta às discussões sobre a de identidade do povo brasileiro, a fim de valorizar

culturas e promover a autoestima dos alunos. Pereira (2004) alerta para o fato de ainda hoje falar de diversidade no âmbito escolar haver uma lacuna entre a teoria e a prática.

“Apesar de o discurso multiculturalista ter influenciado fortemente a legislação escolar e as políticas educativas, continua a haver um enorme hiato entre a retórica e a prática. Tal hiato deve-se, sobretudo, a um insuficiente e ineficaz sistema de formação contínua de professores, o qual não tem dado o relevo adequado a uma problemática tão importante e necessária, impedindo ou dificultando o acesso de muitos professores, nomeadamente os mais antigos, a informações, conhecimentos e competências no âmbito da educação multicultural.” (Pereira, 2004, p. 11-12)

Ainda sobre a importância da educação na construção de cidadãos mais tolerante e avesso a quaisquer tipos de discriminação, o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006) discorre:

A escola, no âmbito específico de sua atuação, pode contribuir para a realização de ações educativas que visem fomentar/estimular/promover a cultura dos direitos humanos mediante o exercício de práticas educativas de promoção e fortalecimento dos direitos humanos no espaço escolar, ajudando a construir uma rede de apoio para enfrentamento de todas as formas de discriminação e violação dos direitos. (PNEDH, 2006, p. 32)

Podemos ver a necessidade de se desenvolver práticas educativas que levem em consideração a diversidade cultural e étnicas dos educandos, de estabelecer um Projeto Político Pedagógico que favoreça a convivência pacífica entre as diferenças, a educação precisa tomar pra si a responsabilidade de construir uma cultura escolar baseada na vivência com a diversidade.

É um grande desafio para educação brasileira reconhecer a diversidade cultural e étnica como elementos determinantes da identidade nacional e regional do povo brasileiro, porque isso implica na superação de qualquer tipo de discriminação ou marginalização e ainda chama para si a responsabilidade de ensinar aos educando a valorizar as especificidades de cada grupo existente na escola e no entorno dela. De acordo com Silveira, Nader e Dias (2007, p. 36)

De um modo geral, a educação, tem por finalidade proporcionar condições de entrada e de aumento de cidadania mediante métodos educativos, de sistematização das noções socialmente acumulados pela humanidade. Tais noções são formalizadas no âmbito da

escola cuja função primordial é a construção de conhecimentos gerais que permitam aos educandos apropriarem-se dos bens culturais historicamente produzidos pela sociedade. (SILVEIRA, NADER E DIAS 2007, p. 36)

Num país caracterizado pela miscigenação, a escola deveria ser local onde a diversidade fosse assunto natural, tratado sem nenhum alarde, mas não é o que acontece, a escola reflete ações que acontecem na sociedade, se a sociedade se preconceituosa e etnocêntrica, isso será refletido no ambiente escolar.

“...a escola está longe de criar um espaço comum com alternativas organizacionais, pedagógicas e metodologias de ensino que integrem de um forma adequada as minorias étnicas e linguísticas” (PERES, 2000, p.167)

Embora seja natural, a diversidade não é acolhida socialmente dessa forma, e dessa forma nasce o preconceito, a intolerância, a etnocentrismo e diante desse cenário nacional plural, mas pouco acolhedor das diferenças, a educação precisa tomar uma postura ideológica de valorização e respeito às diferenças.

“...permite aceitar e valorizar a diferença e a possibilidade de comunicação, afirmação e diálogo multiculturais. Trata-se de construir uma sociedade aberta, consciente do choque das culturas, mas igualmente receptiva ao exercício da crítica e da postura ética, na defesa de princípios e valores humanos e respeitem a alteridade” (PERES, 2000:49).

Ir para escola representa uma ampliação do contexto social do indivíduo, nela a relação identidade/alteridade se intensifica, “o que eu sou”, “como sou”, “o que é distinto de outro”, a forma em que se dá a interação entre sujeitos diferentes na escola marca a história desses indivíduos. Uma educação que se preocupa com a diversidade étnica/cultural não se contenta em apenas apontar diferenças entre grupos, mas desenvolve práticas que promovam a interação entre esses grupos, que de a todos os educando equidades de oportunidades,

Uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia e exige de todos, e da escola e educadores em

particular, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação. (BRASIL, 1998, PCN, p. 28).

Ainda sobre a responsabilidade da escola de promover atitudes cidadãs e tolerantes com a diferenças, Lima e Trindade (2009):

“A educação escolar, além de possibilitar o acesso dos seus sujeitos aos códigos escritos, tem a incumbência e a possibilidade de modificar mentalidades, favorecer a construção de uma autonomia crítica e livre de atitudes discriminatórias e de hierarquização predatória”. (LIMA E TRINDADE, 2009, p. 34)

É preciso que a prática pedagógica torne o ambiente escolar um espaço democrático, faça que o aluno reconheça e se orgulhe de sua identidade étnica e cultural e valorize as raízes de formação do povo brasileiro.

“...fazem parte de uma população culturalmente afro-brasileira e trabalhamos com ela; portanto, apoiar e valorizar a criança negra não constitui em mero gesto de bondade, mas preocupação com a nossa própria identidade de brasileiros que têm raiz africana. Se insistirmos em desconhecê-la, se não assumimos, nos mantemos alienados dentro de nossa própria cultura, tentando ser o que nossos antepassados poderão ter sido, mais nos já não somos. Temos que lutar contra os preconceitos que nos levam a desprezar as raízes negras e também as indígenas da cultura brasileira, pois, ao desprezar qualquer uma delas, desprezamos a nós mesmos. Triste é a situação de um povo, triste é a situação de pessoas que não admitem como são, e tentam ser, imitando o que não são (GONÇALVES E SILVA, 1996, p.175).

Uma educação que tem compromisso com a diversidade estimula a prática da cidadania, combate atitudes inflexíveis e preconceituosas contra indivíduos, grupos ou manifestações culturais, contempla em sua prática pedagógica a problemática da diversidade étnico/cultural frequentemente, não apenas em períodos pré-definidos, “Dia do Índio”, “Dia da Consciência Negra”, “Dia do Nordeste”, além de desenvolver projetos que envolvam alunos, equipe pedagógica, professores e a comunidade do entorno da escola com o objetivo de combater o preconceito e valorizar as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a escola é um espaço pelo qual deve-se procurar trabalhar de forma clara e constante a diversidade e possibilitar aos educandos uma reflexão crítica acerca desse tema, visando eliminar todo e qualquer tipo de preconceitos e estereótipos construídos ao longo da nossa história. Faz-se necessário admitir que a escola é espaço democrático e todos que ali frequentam devem sentir-se respeitados e incluídos. Educadores precisam de sistemas sistematizados abordarem tais temas na tentativa de clarificar as ideias que são disseminadas e legitimadas em nossa sociedade patriarcal e preconceituosa.

Precisamos compreender as dinâmicas históricas de dominação e como tal, relembrar e questionar todo o sistema utilizado pelos detentores do poder para manterem o *status quo*. Precisamos através da educação conscientizar que o preconceito e a discriminação são algo presentes em nossa sociedade e que o sujeito não pode sentir-se culpado e nem se inferiorizar pela sua cor de pele, sua opção sexual, sua crença ou cultura. A diversidade é rica de possibilidades e nos ensina que partilhar e conhecer o que é diferente da gente é uma forma de possibilitar e suscitar inúmeras potencialidades e riquezas, pois não existe uma cultura, crença, orientação sexual e etnia melhor ou superior, mas sim diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Comitê nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: SEDH/MEC/MJ/UNESCO, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MC/SEF, 1998.

BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CANDAU, Vera Maria(Org.). *Sociedade, Educação e Cultura(s):* questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CANDAU, Vera Maria (org.). *Somos todos/as iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DIAS, LO. L.R. *No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo*. 2007, 321f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo

GOMES, Nilma Lino. *Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade*. In: CAVLEIRO, E. (Org) *Racismo e antirracismo na educação*. São Paulo: Sammus, 2001, p. 83-96.

GOMES, Nilma Lino. “*Educação e Diversidade Étnicocultural*” In: RAMOS, ADÃO, BARROS (coordenadores). *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 2003.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. *Prática do racismo e formação de professores*. In: DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

LIMA, Maria Batista; TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Africanidades, currículo e formação docente: desafios e possibilidades*. In: MELO, Maros Ribeiro de; LIMA, Maria Batista; LOPES, Edinéia Tavares (Org.). *Identidades e alteridades: debates e práticas a partir do cotidiano escolar*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

PERES, Américo Nunes. *Educação Intercultural: Utopia ou realidade? – Processos de pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias migrantes na escola* (Genebra e Chaves), Porto, Profedições, Lda / Jornal a Página, 1999.

SILVA, T. T. da (org.) (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; NADER, Alexandre Antonio Gilli & DIAS, Adelaide Alves. *Subsídios para a Elaboração das Diretrizes Gerais da Educação em Direitos Humanos – versão preliminar*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.